

NOVO BALANÇO CRÍTICO E A PERIODIZAÇÃO DA GEOLINGUÍSTICA BRASILEIRA: UMA PROPOSTA DE MACROGEOLINGUÍSTICA E MICROGEOLINGUÍSTICA

NUEVO BALANCE CRÍTICO Y LA PERIODIZACIÓN DE LA GEOLINGÜÍSTICA BRASILEÑA:
UNA PROPUESTA DE MACROGEOLINGÜÍSTICA Y MICROGEOLINGÜÍSTICA

A NEW CRITICAL ASSESSMENT AND PERIODIZATION OF BRAZILIAN GEOLINGUISTICS: A
PROPOSAL FOR MACROGEOLINGUISTICS AND MICROGEOLINGUISTICS

Valter Pereira Romano*

Universidade Federal de Santa Catarina

Hélen Cristina da Silva**

Universidade Federal do Pampa

RESUMO: Este artigo apresenta um novo balanço crítico da Geolinguística brasileira (GB), com o objetivo de sistematizar o desenvolvimento da área considerando uma proposta inédita de periodização, a partir de uma interpretação integrada de sua expansão territorial, institucional e temática. Com base em uma extensa bibliografia, propõe-se a divisão entre a macrogeolinguística, que compreende os atlas nacional, regional e estaduais, e a microgeolinguística constituída por atlas de pequeno domínio/local, atlas fronteiriços-contatuais e atlas de rota histórico-linguística, conforme tipologia estabelecida por Silva e Romano (2025). O estudo revisita levantamentos anteriores realizados por Aguilera (2006) e Romano (2013, 2020) e propõe uma reorganização historiográfica, estruturada em um período pré-geolinguístico, três momentos da macrogeolinguística brasileira e três fases da microgeolinguística. A proposta decorre da constatação de que a expansão da GB ocorreu simultaneamente em

* Doutor em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professor adjunto na Universidade Federal de Santa Catarina. Diretor Científico do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – Regional Santa Catarina. Integrante da equipe do Projeto Atlas Linguístico do Pampa - ALiPAMPA. E-mail: valter.pereira.romano@ufsc.br

** Doutora em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professora adjunta na Universidade Federal do Pampa e do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Pesquisadora do Projeto Atlas Linguístico do Brasil e coordenadora do Projeto Atlas Linguístico do Pampa- ALiPAMPA. E-mail: helensilva@unipampa.edu.br.

diferentes escalas territoriais e institucionais. Enquanto a macrogeolinguística esteve associada à construção de grandes projetos de descrição dialetal do território nacional, a microgeolinguística possibilitou o aprofundamento de questões relacionadas ao contato linguístico, às comunidades tradicionais (quilombolas, indígenas, ribeirinhas), aos movimentos sócio-históricos e às especificidades regionais.

PALAVRAS-CHAVE: Geolinguística Brasileira. Macrogeolinguística. Microgeolinguística. Estado da arte. Periodização.

RESUMEN: Este artículo presenta un nuevo balance crítico de la Geolinguística Brasileña (GB), con el objetivo de sistematizar el desarrollo de este campo a partir de una propuesta inédita de periodización, basada en una interpretación integrada de su expansión territorial, institucional y temática. A partir de una amplia revisión bibliográfica, se propone la distinción entre la macrogeolinguística, que comprende los atlas nacionales, regionales y estaduais, y la microgeolinguística, integrada por atlas de pequeño dominio o ámbito local, atlas fronterizos y de contacto, y atlas de rutas histórico-lingüísticas, de acuerdo con la tipología establecida por Silva y Romano (2025). El estudio retoma los balances previos realizados por Aguilera (2006) y Romano (2013, 2020) y propone una reorganización historiográfica estructurada en un período pregeolinguístico, tres momentos de la macrogeolinguística brasileña y tres fases de la microgeolinguística. Esta propuesta surge de la constatación de que la expansión de la GB se produjo simultáneamente en diferentes escalas territoriales e institucionales. Mientras que la macrogeolinguística estuvo asociada a la construcción de grandes proyectos de descripción dialetal del territorio nacional, la microgeolinguística permitió profundizar en cuestiones relacionadas con el contacto lingüístico, las comunidades tradicionales (quilombolas, indígenas y ribereñas), los movimientos sociohistóricos y las especificidades regionales.

PALABRAS CLAVE: Geolinguística Brasileña. Macrogeolinguística. Microgeolinguística. Estado del arte. Periodización

ABSTRACT: This article presents a new critical assessment of Brazilian Geolinguistics (BG), aiming to systematize the development of the field through an original proposal for periodization based on an integrated interpretation of its territorial, institutional, and thematic expansion. Drawing on an extensive body of literature, the study proposes a distinction between macrogeolinguistics, encompassing national, regional, and state linguistic atlases, and microgeolinguistics, comprising local/small-domain atlases, border-contact atlases, and historical-linguistic route atlases, according to the typology established by Silva and Romano (2025). The article revisits previous surveys conducted by Aguilera (2006) and Romano (2013, 2020) and advances a historiographical reorganization structured around a pre-geolinguistic period, three stages of Brazilian macrogeolinguistics, and three phases of microgeolinguistics. This proposal stems from the observation that the expansion of Brazilian Geolinguistics occurred simultaneously across different territorial and institutional scales. While macrogeolinguistics has been associated with large-scale projects aimed at describing the dialectal organization of the national territory, microgeolinguistics has enabled a more detailed investigation of issues related to language contact, traditional communities (Afro-Brazilian quilombola, Indigenous, and riverine communities), sociohistorical movements, and regional specificities.

KEYWORDS: Brazilian Geolinguistics. Macrogeolinguistics. Microgeolinguistics. State of the Art. Periodization.

1 INTRODUÇÃO

Em pouco mais de seis décadas de existência, a Geolinguística Brasileira, doravante GB, consolidou-se como uma das áreas mais produtivas dos estudos linguísticos no país, em decorrência da ampliação do número de atlas linguísticos, da diversificação metodológica das pesquisas e da incorporação de novos aportes tecnológicos ao fazer geolinguístico. Desde os primeiros empreendimentos de natureza regional, como o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (Rossi, 1963) até a consolidação do projeto de abrangência nacional, o *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB)¹, registra-se um movimento contínuo de expansão científica e

¹ O Atlas Linguístico do Brasil é um projeto de pesquisa nacional, de caráter interinstitucional que está em desenvolvimento desde 1996. É coordenado por um Comitê Nacional com a sede na Universidade Federal da Bahia (UFBA) em Salvador-Brasil. Objetiva descrever e analisar a variante brasileira da língua portuguesa a partir do registro da língua falada por 1100 informantes naturais de 250 municípios. Os dois primeiros volumes do atlas foram publicados em Cardoso *et al.* (2014a, 2014b) e o terceiro volume em Mota, Ribeiro e Oliveira (2023). Os volumes 4 e 5 estão em fase de elaboração.

institucional da área, marcado pela articulação entre descrição linguística, cartografia e análise geossociolinguística (Razky, 1998) do Português Brasileiro (PB).

No contexto da historiografia da GB, Romano (2013) propõe a compreensão do desenvolvimento da área a partir de dois grandes momentos. O primeiro corresponde ao período inicial da prática geolinguística, caracterizado pelo desenvolvimento de atlas estaduais e regionais, predominantemente vinculados à tradição monodimensional europeia, focada na dimensão diatópica da variação linguística, com informantes rurais. Nessa etapa, privilegiava-se a distribuição espacial dos fenômenos linguísticos, com reduzido controle de variáveis sociais e metodologias centradas na representação cartográfica do léxico, da fonética e, em menor escala, da morfossintaxe.

O segundo momento, para Romano (2013), refere-se à consolidação de uma Geolinguística pluridimensional, urbana, impulsionada pelo desenvolvimento do Projeto ALiB e pela incorporação de procedimentos metodológicos da Sociolinguística variacionista. Nessa fase, o espaço geográfico deixa de ser interpretado isoladamente e passa a articular variáveis sociais como sexo/gênero, faixa etária, escolaridade, mobilidade geográfica, níveis de interlocução, áreas de contato linguístico, entre outras. Esse redirecionamento metodológico, alicerçado na Dialetoлогия Pluridimensional, de Harald Thun (1998), adaptada à realidade brasileira, ampliou significativamente o potencial interpretativo dos atlas linguísticos brasileiros, permitindo análises mais complexas da variação e da mudança linguística.

Este texto visa à proposição de um novo balanço crítico da GB, a partir dessa periodização de Romano (2013), partindo de uma revisão da literatura com vistas a apresentar o estado da arte dessa área tão difundida em diferentes universidades e reconhecida internacionalmente por ter um dos mais longevos e maiores projetos de Geolinguística do mundo, o Projeto ALiB. Para tanto, apresentam-se os aspectos gerais sobre a expansão da GB em macro e microescala, seguindo-se, posteriormente da sua periodização e de reflexões sobre os principais desenvolvimentos de cada uma das abordagens.

Dito isso, propõe-se, de forma inédita, uma contribuição teórico-metodológica que apresenta a distinção entre uma macrogeolinguística e uma microgeolinguística como categorias analíticas complementares. A macrogeolinguística compreende trabalhos geolinguísticos voltados à caracterização dialetal de grandes extensões territoriais, abrangendo o atlas nacional, o atlas regional e os atlas estaduais. A microgeolinguística, por sua vez, reúne pesquisas desenvolvidas em áreas geográficas mais restritas, representadas por atlas de pequeno domínio/local, atlas fronteiriços-contatuais e atlas de rota histórico-linguística, conforme tipologia de Silva e Romano (2025).

A articulação entre essas duas abordagens permite reinterpretar a trajetória da GB para além da simples sucessão cronológica de atlas linguísticos, voltando a atenção, também, aos processos paralelos de expansão territorial, diversificação temática e consolidação teórico-metodológica que caracterizam o desenvolvimento da GB.

2 A MACROGEOLINGUÍSTICA E A MICROGEOLINGUÍSTICA BRASILEIRA

A elaboração dos atlas linguísticos no Brasil não é uma novidade, e as extensas distâncias do país não impediram sua propagação para diferentes territórios, alcançando, em algumas décadas de intenso trabalho, pequenas e grandes cidades, regiões metropolitanas, unidades federativas, meso e microrregiões dos Estados e áreas de fronteira (interestadual/ internacional).

Ou seja, a GB não se circunscreveu ao longo de sua trajetória aos limites políticos-geográficos do espaço e pode ser compreendida a partir de duas grandes abordagens propostas neste texto: (i) uma macrogeolinguística e (ii) uma microgeolinguística. A primeira abordagem abrange os trabalhos voltados aos aspectos mais amplos do ponto de vista geográfico-linguístico; e a segunda aborda aspectos específicos de um grupo social em território mais restrito.

Os trabalhos de macrogeolinguística buscam compreender a distribuição espacial das variantes linguísticas em escalas nacional, regional ou estadual. Seu principal objetivo consiste em identificar padrões gerais de comportamento linguístico, permitindo

reconhecer continuidades e descontinuidades espaciais, áreas dialetais e as zonas de transição entre as variedades linguísticas. Para a realidade brasileira, a macrogeolinguística engloba o atlas linguístico nacional – o *Atlas Linguístico do Brasil* – ALiB (Cardoso *et al.* 2014a, 2014b; Mota, Ribeiro e Oliveira, 2023), o *Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul do Brasil* - ALERS (Altenhofen; Klassmann, 2011), único atlas linguístico regional até então publicado, e inúmeros atlas estaduais desenvolvidos e divulgados ao longo de 60 anos de tradição da GB.

No contexto brasileiro, o ALiB constitui um empreendimento de natureza macrogeolinguística por excelência, uma vez que reúne dados de fala provenientes de todas as regiões do país sob a mesma orientação teórico-metodológica. Além de fornecer uma visão abrangente do PB, o projeto estabelece parâmetros que favorecem a comparação entre diferentes atlas estaduais e regionais, funcionando como eixo integrador das pesquisas geolinguísticas desenvolvidas em âmbito nacional. O potencial de análise dos grandes bancos de dados gerados para os trabalhos da macrogeolinguística, entre outras aplicações, favorecem as abordagens de tratamento dialetométrico (Romano; Brissos, 2025b), delimitações de áreas dialetais e abordagens macroanalíticas sobre o comportamento diatópico de variantes linguísticas e a sua correlação com outras dimensões da variação linguística (diassexual, diageracional, diastrática, diafásica, diarreferencial, diazonal e dialingual).

As pesquisas de macrogeolinguística adotam redes de pontos relativamente espaçadas, distribuídas de forma estratégica pelo território, de modo a contemplar diferentes contextos históricos, culturais e geográficos, com a finalidade de obter um panorama das tendências linguísticas mais amplas e comparáveis entre diferentes regiões. Outro aspecto relevante desses trabalhos refere-se à adoção de procedimentos metodológicos mais uniformizados, embora não abdicuem de aspectos específicos para cada trabalho, com o objetivo de documentar as idiosincrasias de cada região/estado. A utilização de questionários que apresentem perguntas comuns, bem como critérios semelhantes para seleção de informantes possibilita a intercomparação entre os atlas, desempenhando uma importante função articuladora no âmbito da pesquisa geolinguística. Destaca-se, também, o potencial da macrogeolinguística para a formação de recursos humanos, uma vez que diversos atlas estaduais serviram como espaços de formação de pesquisadores que, posteriormente, passaram a desenvolver projetos de escopo mais restrito. É o que se observa, por exemplo, nos trabalhos decorrentes do *Atlas Linguístico da Paraíba* (Aragão; Menezes, 1984), do *Atlas Linguístico do Paraná* (Aguilera, 1994), do *Atlas Linguístico do Amazonas* (Cruz, 2004), do *Atlas Linguístico Sonoro do Estado do Pará* (Razky, 2004) e do *Atlas Linguístico Topoestático e Topodinâmico do Tocantins* (Silva, 2018), entre outros, que contribuíram para a consolidação e a expansão de estudos microgeolinguísticos.

A microgeolinguística, por sua vez, volta-se para a investigação da variação linguística em espaços geográficos mais restritos, privilegiando a descrição detalhada dos fenômenos observados em municípios, entre municípios, em meso e microrregiões, regiões histórico-culturais específicas. Isto é, enquanto a macrogeolinguística busca compreender a organização dialetal em grandes extensões territoriais, a microgeolinguística concentra-se na análise aprofundada das particularidades locais, revelando nuances da diversidade linguística que, muitas vezes, não são perceptíveis em levantamentos de maior abrangência territorial.

A principal característica da microgeolinguística reside no elevado grau de detalhamento proporcionado pela densificação da rede de pontos e especificação do questionário que, embora traga questões gerais sobre o PB – o que possibilita a comparação entre os atlas, apresenta foco restrito às particularidades locais, evidenciando, com maior precisão, os limites entre variedades diatópicas da língua, as transições das áreas e os aspectos linguísticos que podem não aparecer em levantamentos de abrangência nacional, regional ou estadual.

A microgeolinguística brasileira tem contribuído significativamente para o conhecimento da diversidade linguística nacional, sobretudo a partir da década de 1990. Desse modo, a microgeolinguística pode ser compreendida como a vertente da Geolinguística dedicada à investigação aprofundada da variação linguística em espaços geográficos delimitados, embora nem sempre tão reduzidos em extensão territorial, mas especializada na abordagem da comunidade com a valorização das especificidades locais e pela estreita articulação entre língua, território e sociedade, desempenhando um papel importante na complementação dos estudos de maior abrangência territorial

A Figura 1 esquematiza essa proposta teórico-metodológica, considerando a complementaridade de ambas as abordagens:

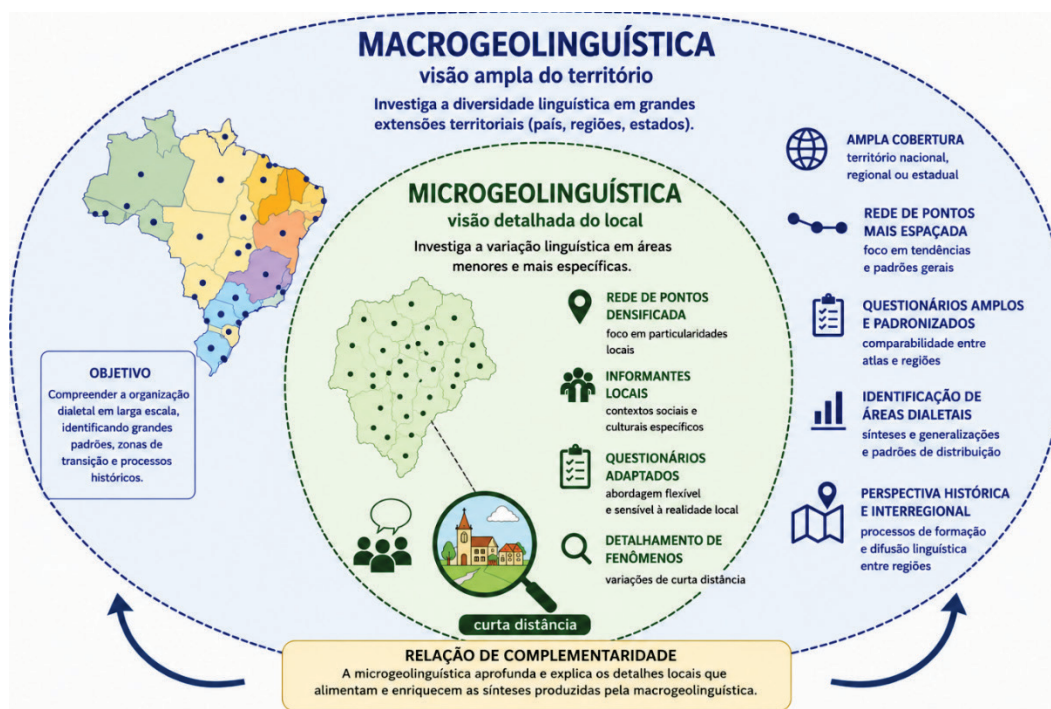


Figura 1: Esquema ilustrativo das abordagens de macro e microgeolinguística.

Fonte: dados da pesquisa – elaborada pelos autores com auxílio de IA.

Vale destacar, contudo, que os estudos de macrogeolinguística e microgeolinguística não se restringem à elaboração de atlas linguísticos propriamente ditos. Essas abordagens também abrangem investigações que recorrem à cartografia linguística e ao mapeamento geográfico de fenômenos da língua sem que o objetivo final seja a constituição de um atlas. Nesses casos, a representação espacial dos dados funciona como instrumento analítico para a compreensão da distribuição de variantes linguísticas, de processos de difusão, de áreas de contato ou de padrões de variação em territórios específicos.

Nesse sentido, diversas pesquisas desenvolvidas no Brasil têm produzido contribuições relevantes para a descrição da diversidade linguística por meio de levantamentos georreferenciados em escalas variadas. Podem ser mencionados, entre outros, os trabalhos de Ribeiro (2012), Carlos (2014), Romano (2015), Silva (2016), Alencar (2018), Yida (2019), Romano e Brissos (2025b), Espíndola (2025), que se dedicaram à análise de fenômenos fonético-fonológicos, semântico-lexicais, de contato linguístico, dialetométrico em diferentes regiões do país.

Essas pesquisas evidenciam que a macrogeolinguística e a microgeolinguística devem ser compreendidas como perspectivas de análise e escalas de observação da variação linguística, e não apenas como modalidades vinculadas à produção de atlas. Dessa forma, os atlas constituem uma das principais materializações dessas abordagens, mas não a única. Estudos cartográficos de menor escopo, de levantamentos temáticos, de análises dialetométricas e de investigações voltadas a fenômenos específicos também integram esse campo de pesquisa, desde que tenham como foco a dimensão espacial da língua e a interpretação geográfica dos dados linguísticos.

Com vistas a ilustrar a aplicação das abordagens macro e microgeolinguísticas em atlas linguísticos, apresentam-se três cartas linguísticas elaboradas a partir da mesma questão lexical, aplicada em três levantamentos distintos: dois de macrogeolinguística – o *Atlas Linguístico do Brasil* e o *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* – e um de microgeolinguística – o *Atlas Semântico-Lexical de Balneário Barra do Sul*. As cartas registram as denominações atribuídas a “bolinha de gude”, com destaque para a variante *peca*, representada nas Figuras 2, 3 e 4, evidenciando como diferentes escalas de análise geolinguística contribuem para a interpretação da distribuição espacial dessa forma lexical.

Na rede de pontos do Projeto ALiB – Região Sul (Figura 2) – há sete variantes lexicais provenientes da questão 156 do Questionário Semântico-Lexical: *coisinhas redondas de vidro que os meninos gostam de brincar*. A carta experimental constante do trabalho de Romano e Aguilera (2014) registra a variante *peca* em apenas um dos 44 pontos sulistas: Blumenau, cidade localizada na região do litoral norte de Santa Catarina. A mesma área de ocorrência registrada pelo ALERS (Figura 3), porém com uma amplitude maior.

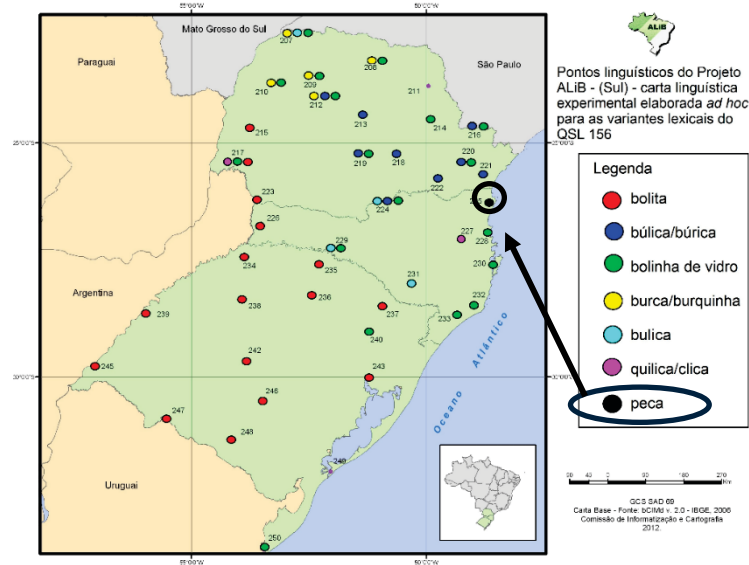


Figura 2: Variante “peca” nos dados do Projeto ALiB – inédito.

Fonte: adaptada de Romano e Aguilera (2014).

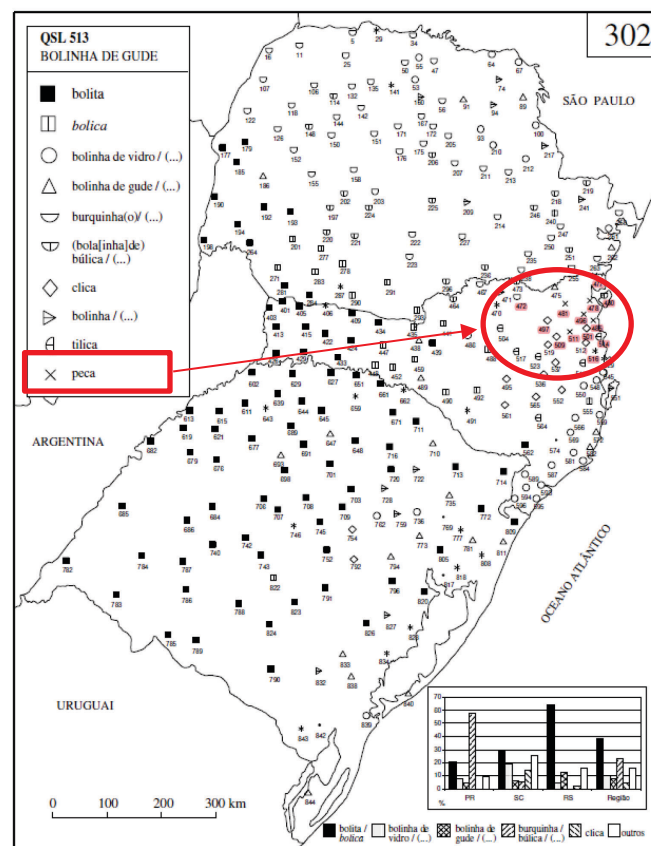


Figura 3: Carta linguística 302 do ALERS – área de ocorrência da variante “peca”

Fonte: adaptado de Altenhofen e Klassmann (2011)

Das 10 variantes lexicais documentas na rede de pontos do ALERS, o item *peca* distribui-se em pontos espalhados pelo nordeste de Santa Catarina. Portanto, o atlas regional (macrogeolinguístico) traz como uma lupa a possibilidade de visualizar a dispersão de *peca* pelo território catarinense, portanto, com um nível de detalhamento maior do que o de um atlas nacional, propiciando o traçado de uma isoglossa (no caso isoléxica = mesmo léxico)² que diferencia o nordeste catarinense em relação às outras áreas da Região Sul do Brasil.

Numa perspectiva microgeolinguística, o *Atlas Semântico Lexical de Balneário Barra do Sul* – ASL-BS (Câmara, 2023), de pequeno domínio, na carta 37 (Figura 4), traz as designações para a mesma questão coincidente tanto no ALERS quanto no ALiB.

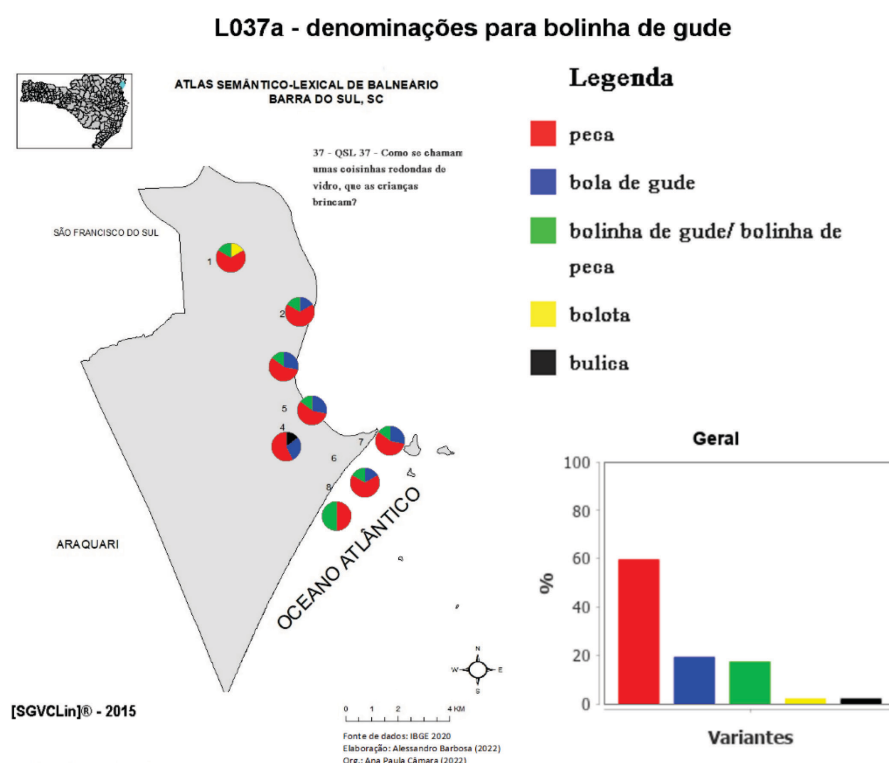


Figura 4: Cartas linguística L037 do Atlas Semântico-lexical de Balneário Barra do Sul – denominações para bolinha de gude

Fonte: Câmara (2023)

O ASL-BS apresenta cinco formas lexicais para o referente, com o predomínio de *peca* e ocorrência de resposta de informantes que utilizam tanto a forma *bolinha de gude* quanto *bolinha de peca* (item verde da legenda), o que evidencia a concorrência de duas formas a geral e a regional/local. A análise comparada das três cartas (Figuras 2, 3 e 4) permite observar diferentes níveis de representação espacial do fenômeno investigado. Enquanto os dados do ALiB, no âmbito da macrogeolinguística, fornecem indícios da ocorrência regional da variante em uma área, os resultados do ALERS ampliam a visualização dessa distribuição em uma área geográfica mais extensa e permite a identificação de uma isoléxica. Já o atlas de pequeno domínio (microgeolinguístico) possibilita maior detalhamento da realidade local, confirmando e refinando tendências identificadas nos atlas de maior abrangência.

Em suma, buscou-se demonstrar que as duas abordagens estabelecem uma relação de complementaridade: enquanto a macrogeolinguística produz sínteses gerais sobre a organização dialetal de grandes territórios até mesmo com o traçado de linhas de isoglossas, a microgeolinguística aprofunda a compreensão dos mecanismos que atuam em escalas mais reduzidas, permitindo explicar fenômenos que, em levantamentos amplos, aparecem apenas de forma parcial ou generalizada.

² Linhas virtuais que trazem limites também virtuais de formas e expressões linguísticas (Ferreira; Cardoso, 1994).

Utilizando-se de uma metáfora metodológica, pode-se dizer que *se a macrogeolinguística permite observar a floresta, a microgeolinguística possibilita examinar as árvores, seus galhos, folhas, flores e frutos*. Assim, apenas a articulação entre ambas as perspectivas oferece uma compreensão efetivamente abrangente da diversidade linguística brasileira.

3 A EXPANSÃO TERRITORIAL E A PERIODIZAÇÃO DA MACROGEOLINGUÍSTICA

O levantamento de atlas linguísticos concluídos, publicados e/ou divulgados no Brasil é uma tarefa que há 20 anos vem sendo realizada com certa periodicidade. A primeira sistematização foi realizada por Aguilera (2006), seguindo-se por Romano (2013, 2020). Nesta oportunidade, toma-se, como ponto de comparação, o levantamento inicial de Aguilera (2006) (Figura 5), e passados 20 anos, apresenta-se o mapa atualizado (Figura 6), com a finalidade de comparar a expansão territorial dos atlas de unidades federativas publicados/concluídos, divulgados ou em andamento.

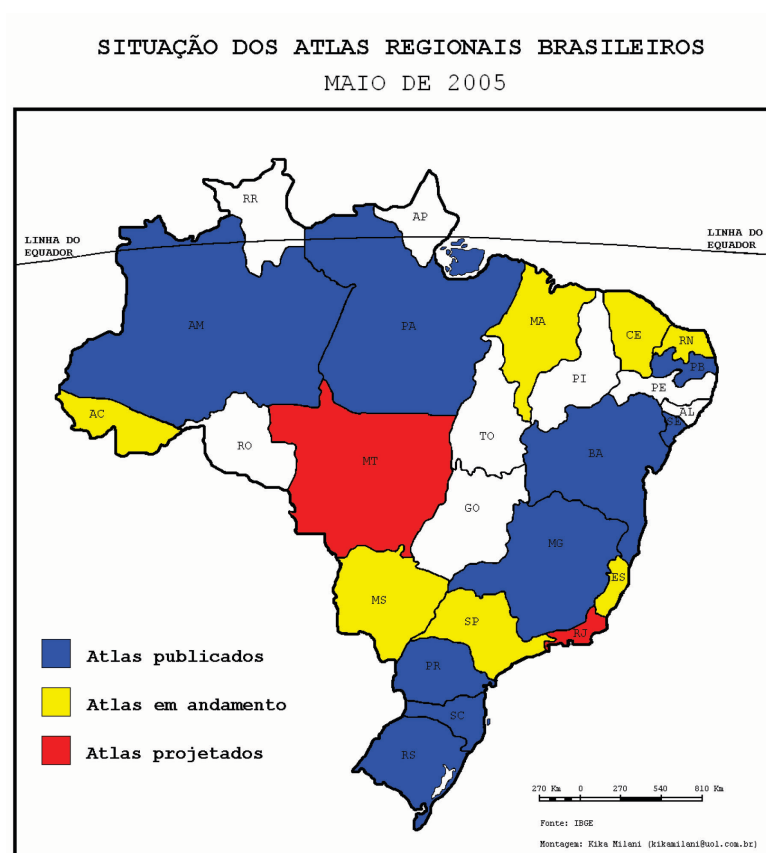


Figura 5: Panorama da macrogeolinguística brasileira em 2005

Fonte: Aguilera (2006)

O mapa de Aguilera (2006) revela uma Geolinguística ainda em processo de consolidação institucional, no qual muitos Estados aparecem sem cobertura ou apenas com propostas embrionárias de atlas linguísticos. A representação enfatiza, principalmente, se há ou não iniciativas geolinguísticas nos Estados brasileiros (concluídas, projetadas ou em andamento). A Figura 6 traz a atualização do cartograma, podendo-se observar a evolução histórica de propagação da macrogeolinguística com atlas estaduais e o atlas regional

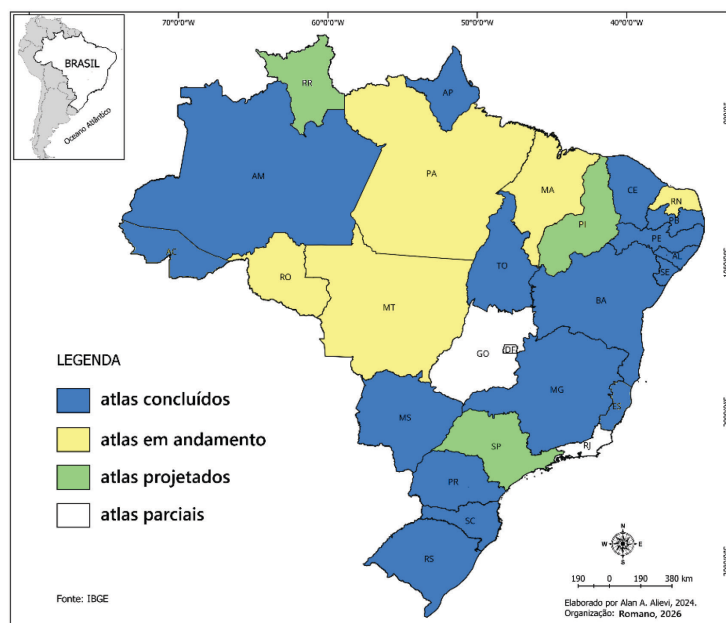


Figura 6: Panorama da macrogeolinguística brasileira em 2020 e 2026

Fonte: elaborada pelos autores, com dados desta pesquisa

Diferentemente de 2006, quando havia vazios geográficos em relação a atlas, em 2026, praticamente todas as regiões brasileiras apresentam algum tipo de iniciativa consolidada ou em desenvolvimento. Mesmo Estados que anteriormente figuravam como “sem atlas” passam a se integrar ao desenvolvimento da pesquisa Geolinguística, como Tocantins, Amapá, Roraima Rondônia, Piauí, Pernambuco e Alagoas. Isso sugere: (i) o amadurecimento das equipes de pesquisa; (ii) o fortalecimento dos programas de pós-graduação; (iii) a maior institucionalização dos grupos de Geolinguística; (iv) a consolidação de redes cooperativas; e (v) a estabilidade metodológica derivada da influência do ALiB, condizendo com os três momentos da GB discutidos na próxima seção.

Até o momento, segundo a Figura 6, 16 das 26 unidades federativas já dispõem de, pelo menos, um volume de atlas linguístico publicado, abrangendo, aproximadamente, 70% do território nacional. Esse cenário reflete a consolidação progressiva da Geolinguística no país, marcada por iniciativas desenvolvidas em diferentes períodos e contextos institucionais. Em determinados Estados, a continuidade das pesquisas possibilitou a publicação de volumes subsequentes, como se observa nos atlas de Sergipe, Paraná e Amapá, que já contam com um segundo volume cartográfico.

No grupo dessa macrogeolinguística estadual, a configuração dos trabalhos é a seguinte: (i) atlas em desenvolvimento, em Mato Grosso, Rondônia, Pará, Maranhão e Rio Grande do Norte; (ii) atlas linguísticos a serem iniciados em Roraima, São Paulo e Piauí; e (iii) parciais, no Rio de Janeiro e em Goiás³.

O *Atlas Linguístico do Amazonas* (Cruz, 2004), o *Atlas Linguístico do Paraná II* (Altino, 2007), o *Atlas Topoestático e Topodinâmico do Estado do Tocantins* (Silva, 2018) e o *Atlas Linguístico do Estado de Alagoas* (Barbosa-Doiron, 2017) foram resultados de trabalho de doutorado e ainda não foram publicados, mas estão divulgados nos repositórios institucionais das respectivas universidades em que foram desenvolvidos. O Estado do Pará, além de o atlas linguístico estadual estar em desenvolvimento, já conta com a publicação do *Atlas Linguístico Sonoro do Pará – ALiSPA* (Razky, 2004), sendo até o momento, o único ‘atlas falante’ disponível no Brasil.

³ O Projeto Atlas etnolinguístico dos pescadores do estado do Rio de Janeiro, coordenado por Silvia Brandão, foi um projeto iniciado na década de 1980, porém não teve continuidade com recolha sistemática para o estado como todo e teve foco no segmento da pesca. O Atlas Semântico-lexical do Estado de Goiás, de Vera Lucia dos Santos Augusto, traz a cartografia com uma rede de pontos pautada em cidades históricas do Estado e com foco na descrição semântico-lexical. Por esses motivos tanto Rio de Janeiro quanto Goiás encontram-se, aqui, na categoria de atlas parciais, e o atlas de Augusto (2012) enquadrado entre os atlas de rota histórico-linguística ou de pequeno domínio, conforme Silva e Romano (2025).

4 A PERIODIZAÇÃO DA GEOLINGÜÍSTICA NO BRASIL

Em estudos de 2013 e 2020, Romano (2013, 2020) propõe a divisão da GB em dois momentos, tomando como marcos o início das atividades do Projeto ALiB, em 1996, e a publicação dos primeiros volumes do atlas nacional, em 2014. Partindo dessa proposta, apresenta-se uma nova periodização da GB, composta por um período pré-geolinguístico e três momentos distintos, conforme ilustra a Figura 7.

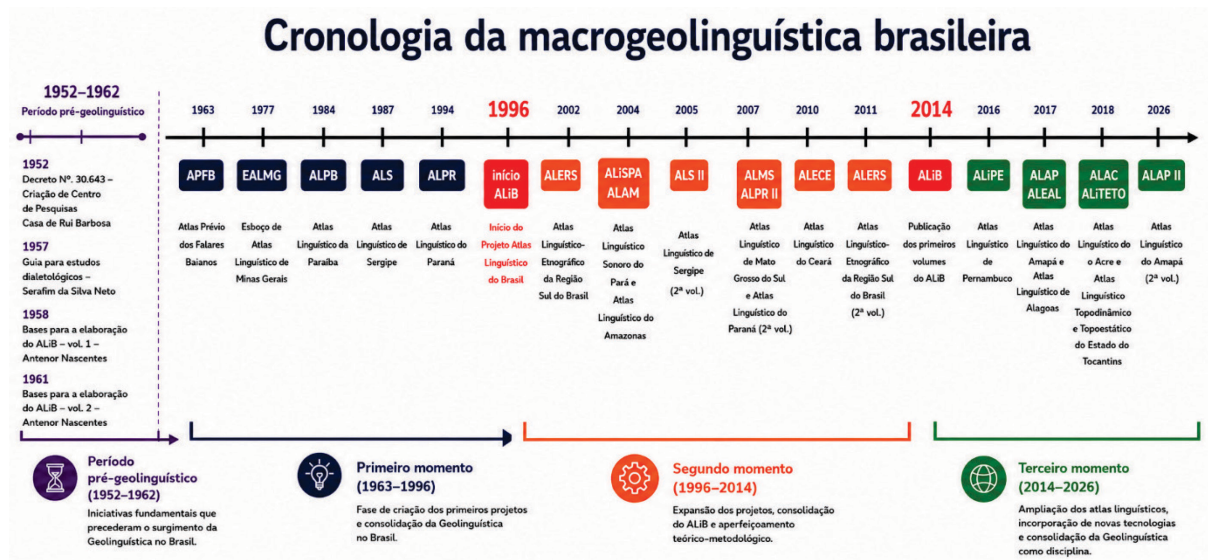


Figura 7: Cronologia dos atlas estaduais e atlas regional desenvolvido no Brasil

Fonte: elaborado pelos autores com o auxílio de IA, a partir de Romano (2013, 2020)

A Figura 7 apresenta uma linha do tempo organizada em quatro grandes períodos históricos, estruturados a partir da evolução dos atlas linguísticos publicados e/ou divulgados no Brasil e da consolidação teórico-metodológica da área. A representação articula informações cronológicas, institucionais e epistemológicas, permitindo visualizar o desenvolvimento progressivo da Geolinguística no país desde a década de 1950 até projeções para 2026.

Considerando o estado da arte, pode-se dizer que o fazer geolinguístico no Brasil encontra-se sistematizado em quatro períodos, estruturados a partir da publicação e divulgação de obras intituladas como atlas linguísticos. O período pré-geolinguístico, que compreende os primeiros dez anos, seguido por um primeiro momento, de 33 anos; o segundo momento de 18 anos; e o terceiro momento iniciado há 12 anos.

4.1 PERÍODO PRÉ-GEOLINGÜÍSTICO: 1952 A 1962

O período considerado como pré-geolinguístico, que vai de 1952 a 1962 (Figura 7 – em roxo), refere-se aos dez primeiros anos de preparação para o surgimento da GB. Tem como ponto de partida o Decreto nº 30.643 de 20 de março de 1952, que instituiu à Casa de Rui Barbosa, dentre as suas atribuições, a tarefa de desenvolver o Atlas Linguístico do Brasil (Brasil, 1952). Nesse período, nomes importantes como o de Celso Cunha, Serafim da Silva Neto e Antenor Nascentes são fundamentais para o incentivo ao desenvolvimento de trabalhos na área e há a publicação de duas obras principais, o *Guia para estudos dialetológicos*, de Silva Neto (1957) e as *Bases para elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*, de Nascentes (1958, 1962). Já no *Guia*, Silva Neto (1957, p. 9) previa a necessidade de criar “[...] uma mentalidade dialetológica preparando um ambiente favorável para a pesquisa de campo”.

4.2 O PRIMEIRO MOMENTO DA GEOLINGUÍSTICA: 1963 A 1996

O primeiro momento da GB encerra o total de cinco atlas, apresentando diversidade metodológica e o pioneirismo na coleta de dados para representação geolinguística dos mapas⁴.

Foi nesse período mais longo, de 33 anos, em que se desenvolveu a mentalidade dialetológica a partir da publicação e divulgação de cinco atlas linguísticos pioneiros. Em 1963, foi publicado o primeiro deles, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB* (Rossi, 1963), seguindo-se outros quatro, com certo distanciamento temporal: o *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (Ribeiro et al., 1977), o *Atlas Linguístico da Paraíba* (Aragão; Menezes, 1984), o *Atlas Linguístico de Sergipe* (Ferreira et al., 1987) e o *Atlas Linguístico do Paraná* (Aguilera, 1994).

Nesse primeiro momento de 1963 a 1996 (Figura 7 – em azul), além da publicação dos primeiros atlas linguísticos, cada qual com metodologia específica, foram publicados dois livros seminais da área: o *Geografia linguística no Brasil* (Brandão, 1991) e *A Dialetoлогия no Brasil* (Ferreira; Cardoso, 1994). Essas obras serviram de base teórico-metodológica para os estudos vindouros.

Vale destacar, também, que cada atlas desenvolvido nesse período buscou como referência os seus antecedentes, quanto ao perfil de informantes e questionários, salvo as devidas adaptações.

4.3 O SEGUNDO MOMENTO DA GEOLINGUÍSTICA: 1996 A 2014

O segundo momento da Geolinguística brasileira, de 1996 a 2014 (Figura 7 – em laranja), inicia-se com as atividades do Projeto ALiB (1996), por ocasião do *Seminário Caminhos e Perspectivas da Geolinguística no Brasil*, realizado em Salvador, BA, e se estende até a publicação dos primeiros volumes do atlas nacional (Cardoso et al., 2014a, 2014b)⁵. Coincidentemente, em 2014, também foi publicado e divulgado o *Software* para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas (Romano; Seabra; Oliveira, 2014), programa computacional muito difundido e utilizado atualmente por pesquisas geolinguísticas⁶.

Nesse momento, paralelamente ao desenvolvimento do atlas nacional, continuou-se a produção de atlas linguísticos estaduais como o *Atlas Linguístico Sonoro do Pará – ALiSPA* (Razky, 2004), o *Atlas Linguístico do Amazonas* (Cruz, 2004), o *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul* (Oliveira, 2007), a continuidade de volumes de atlas inaugurais como o *Atlas Linguístico do Paraná II* (Altino, 2007), o *Atlas Linguístico de Sergipe II* (Cardoso, 2005) e publicação de projetos da década de 1980 (Primeiro momento), como o *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (Koch; Klassmann; Altenhofen, 2002; Altenhofen; Klassmann, 2011) e o *Atlas Linguístico do Ceará* (Bessa, 2010), com advento da informática dos anos 2000 na organização do *corpus* e do material cartográfico.

Os atlas publicados entre 2000 e 2007, como o ALERS, já dispuseram de um sistema computadorizado para a elaboração das cartas; o ALPR II apresenta as primeiras cartas dialetométricas com os recursos disponíveis à época; no ALS II, há a preocupação com aspectos da cartografia temática na carta base e convenções em legenda que facilitam a leitura e interpretação das cartas linguísticas.

Além da produção de atlas, impulsionada sobretudo pela atuação de pesquisadores vinculados ao Projeto ALiB, é nesse segundo momento que se consolida uma bibliografia dedicada à sistematização do estado da arte da GB. Destaca-se, nesse contexto, a série *Geolinguística no Brasil*, iniciada com a publicação de *A Geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas* (Aguilera, 1998), seguida por *A Geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer* (Aguilera, 2005). Integram, ainda, esse conjunto as obras: *Estudos geolinguísticos e dialetais sobre o português: Brasil-Portugal* (Isquierdo, 2008); e *A Geolinguística no Brasil: tradição e*

⁴ Confira Romano (2013) para uma síntese da descrição de cada um dos atlas linguísticos brasileiros dos diferentes momentos.

⁵ A partir de 2014, o ALiB passou a ser conhecido pelo grande público. A Rede Globo de televisão fez uma série de reportagens no Jornal Hoje, intitulada *Sotaques do Brasil*, tomando como referência as pesquisas desenvolvidas pela equipe do Projeto e publicadas em Cardoso et al. (2014*).

⁶ O SGVCLin impulsionou ainda mais as pesquisas geolinguísticas do terceiro momento em diante, pois facilitou o processo de armazenamento e cartografiação de banco de dados geolinguísticos.

modernidade (Cardoso, 2010). Todas contribuíram para a sistematização do conhecimento produzido na área e para o fortalecimento da Geolinguística como campo de investigação no âmbito da Dialetologia brasileira⁷.

A extensa bibliografia sobre a GB se adensa nesse período dando início à organização de dossiês temáticos sobre Dialetologia e Geolinguística em periódicos como a *Revista Signum* (UEL), *Estudos linguísticos e literários* (UFBA) e a série *Documentos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil*, que apresenta um conjunto de textos relacionados ao desenvolvimento do Projeto ao longo dos 30 anos de história⁸. Ademais, no findar do segundo momento, Romano (2013) sintetiza o estado da arte com o *Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão*, apresentando informações detalhadas sobre os aspectos metodológicos dos atlas e uma extensa bibliografia atualizada.

Portanto, no segundo momento, consolidam-se os pressupostos da Geolinguística Pluridimensional, de Harald Thun (1998), adaptados à realidade brasileira, ao mesmo tempo em que a Geolinguística amplia seu escopo de atuação para além da representação cartográfica dos fenômenos linguísticos. Junto à publicação e à divulgação de oito atlas estaduais e de um atlas regional, incrementa-se a produção de atlas linguísticos de pequeno domínio (Romano, 2020) e as primeiras iniciativas de informatização voltadas à organização dos *corpora* e à elaboração de cartas linguísticas. Esse conjunto de avanços metodológicos, tecnológicos e institucionais cria as condições para a expansão da Geolinguística brasileira observada a partir de 2014.

4.4 O TERCEIRO MOMENTO DA GEOLINGUÍSTICA: 2014...

Em 2014, os primeiros volumes do ALiB foram publicados, e, com isso, inaugura-se o terceiro momento da GB, marcado pelo esforço de sistematização, de análise e de reaproveitamento do robusto volume de dados já disponíveis nos atlas. Nesse cenário, o ALiB parece funcionar como um divisor epistemológico dentro da própria história da GB, pois, a partir dele, são desenvolvidos o *Atlas Linguístico de Pernambuco* (Sá, 2016), o *Atlas Linguístico do Amapá* (Razky; Ribeiro; Sanches, 2017), o *Atlas Linguístico do Estado do Alagoas* (Barbosa-Doiron, 2017), o *Atlas Linguístico do Acre* (Karlberg, 2018), o *Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins* (Silva, 2018) e o *Atlas Linguístico do Amapá II* (Ribeiro; Sanches, 2026).

A preocupação de organizar banco dados geolinguísticos intercomparáveis, já alertada por Vieira (1998), concretiza-se com a publicação do *Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas* (Romano; Seabra; Oliveira, 2014), ferramenta computacional de código aberto e gratuita, que passou a ser utilizada por inúmeros trabalhos que se seguiram, além do uso de Sistemas de Informação Geográfica (SIG), atrelados aos aspectos técnicos da cartografia temática (Robinson *et al.*, 1995; Martinelli, 2003; Teles; Ribeiro, 2006, 2014).

A interdisciplinaridade é um dos pontos fortes desse terceiro momento. O material dos atlas passa a ser retomado em estudos específicos com diferentes ênfases (contato linguístico, recartografiação, variação e mudança linguística, análises dialetométricas)⁹, e o *corpus* do ALiB, no que tange aos dados do interior, passa a ser analisado sistematicamente com propostas de discussão de áreas dialetais, principalmente, sob o ponto de vista da variação lexical como Romano (2015), Santos (2016), entre outros.

⁷ Romano (2014) compreende a Geolinguística muito além do método, rompendo com a visão clássica europeia. No contexto brasileiro, a Geolinguística, enquanto disciplina e área de pesquisa ao lado da Dialetologia, tem suas bases teóricas e metodológicas bem estabelecidas. A cartografia é apenas um dos vários métodos que a Geolinguística encerra. Nos limites deste texto, não se aprofunda essa discussão.

⁸ Em 2010, foi criado o já tradicional Congresso Internacional de Dialetologia e Sociolinguística (CIDS), realizado a cada dois anos. Concebido no âmbito do Comitê do ALiB, o evento chega, em 2026, à sua oitava edição, a ser realizada em julho na Universidade de Santiago de Compostela (Galícia, Espanha). O CIDS representa um importante marco no processo de consolidação da área e evidencia a maturidade teórica, metodológica e institucional alcançada pela Dialetologia e pela Geolinguística no Brasil.

⁹ A dialetometria é um método estatístico de análise de *corpora* geolinguísticos. Para uma revisão sobre o estado da arte da dialetometria no Brasil, confira Romano e Brissos (2025a).

Também é no terceiro momento que há uma resposta prática às reflexões aventadas anteriormente por Vieira (1999), Cardoso (2006), Razky, Lima e Oliveira (2006) e Cardoso (2008) sobre as questões que se referem ao ensino de língua na educação básica. Como exemplos, têm-se: a dissertação de mestrado de Mendonça (2021), que buscou elaborar propostas didáticas a alunos do Ensino Fundamental a partir de cartas linguísticas do EALMG (Ribeiro *et al.*, 1977); (ii) a tese de doutorado de Coelho (2025), que apresentou materiais paradidáticos para orientação de professores e jogos educativos com base em dados do *Atlas Linguístico do Brasil* (Cardoso, 2014b) e do *Atlas Linguístico do Amazonas* (Cruz, 2004); e (iii) a publicação de Silva (2025), sobre o ALiB na escola, com atividades práticas de vocabulário e variação linguística com base nas cartas linguísticas do atlas. Essas três iniciativas, a partir de uma linguagem didática, trazem propostas pedagógicas orientadas a alunos e professores da Educação Básica e o livro didático passa a dar espaço para a Geolinguística com referência explícita ao ALiB e ao que se tem produzido academicamente (Abaurre; Pontara; Abaurre, 2020).

A extensa bibliografia se adensa ainda mais pela diversidade de estudos com espaços em dossiês temáticos sobre GB em periódicos, além da *Revista Signum* (UEL) citada no segundo momento: *Revista Moara* (UFPA), *Revista Working Papers em Linguística* (UFSC), *Cadernos de Linguística* (Abralín), *Revista Letrônica* (PUC-RS)¹⁰ e publicações de livros que trazem os avanços da área (Aguilera; Romano, 2016; Razky; Oliveira; Lima, 2017; Lima; Razky; Oliveira, 2021; Silva; Romano, 2022; Romano; Altino; Aguilera, 2025) e de iniciativas de popularização da Geolinguística em redes sociais¹¹.

Em suma, esse período é delineado pela ampliação dos estudos para diferentes territórios, a partir da interiorização e da expansão de trabalhos desenvolvidos sob os moldes da pluridimensionalidade, abarcando comunidades tradicionais e de contato linguístico, análise de grandes *corpora* e questões relacionadas ao ensino de língua portuguesa e à descrição geossociolinguística do PB e de materiais de divulgação científica. É nesse momento que a pesquisa geolinguística atinge o ápice de desenvolvimento e de propagação de atlas com foco em áreas menores que um estado ou região administrativa, a partir de trabalhos de dissertação de mestrado e teses de doutorado desenvolvidos em diferentes centros de pesquisa (UEL, UFSC, UFMS, UFPA, USP, UFT).

5 A MICROGEOLINGUÍSTICA E A INTERIORIZAÇÃO

A partir do segundo momento da GB (1996), os trabalhos com foco em uma microgeolinguística, conforme proposta apresentada na seção 1 deste estudo, são desenvolvidos com o incentivo direto de pesquisadores vinculados ao atlas nacional, o Projeto ALiB. Romano (2020, p. 29), ao revisitar os trabalhos geolinguísticos divulgados até à época, contabilizou o total de 63 pesquisas que apresentavam “[...] número considerável de cartas linguísticas, sendo 29 dissertações de mestrado, 25 teses de doutorado, seis monografias de especialização, um projeto de pós-doutorado, um trabalho de conclusão de curso de graduação e um projeto de iniciação científica”.

Esses números revelam que os Programas de Pós-Graduação (PPGs), de diferentes Instituições de Ensino Superior (IES), passaram a ser propulsores da microgeolinguística brasileira, desenvolvendo-se paralelamente aos trabalhos de maior envergadura com os atlas estaduais e o atlas nacional (macrogeolinguística). Tomando como ponto de partida três levantamentos sobre números de trabalhos desenvolvidos em 2013, 2020 e atualmente, tem-se a seguinte distribuição, exibida na Figura 8.

¹⁰ Em 2020, a Associação Brasileira de Linguística criou as comissões científicas das áreas. A comissão de Dialectologia fortaleceu as atividades de divulgação dos estudos geolinguísticos e está diretamente vinculada aos pesquisadores do Projeto ALiB.

¹¹ É nesse terceiro momento que surge a primeira iniciativa de popularização da Geolinguística em redes sociais, com o projeto de Pós-doutorado Junior (PDIJ) de Mariana Spagnolo Martins, intitulado: *Proposta de popularização da Geolinguística nas redes sociais por meio de mapas ilustrativos da diversidade diatópica do Português Brasileiro*, em desenvolvimento, durante o ano de 2026, no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Processo: 151260/2025-7.

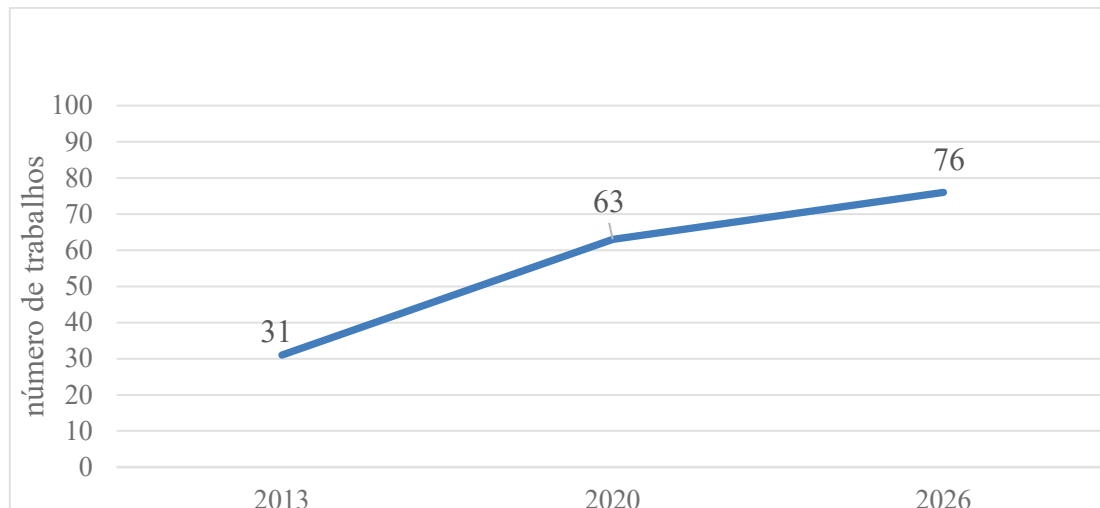


Figura 8: Evolução da microgeolinguística em três tempos: 2013, 2020 e 2026.

Fonte: elaborada pelos autores, a partir de Romano (2013), Romano (2020) e levantamento atualizado

A Figura 8 apresenta o crescimento quantitativo dos trabalhos geolinguísticos divulgados no Brasil em três momentos distintos – 2013, 2020 e 2026 –, permitindo observar o processo de consolidação e expansão da microgeolinguística no país, o que revela uma trajetória ascendente bastante significativa, pois passou de 31 trabalhos identificados em 2013 para 63 em 2020, alcançando 76 em 2026. Ou seja, no período de 13 anos (2013 a 2026), a área teve um aumento de 45 trabalhos, equivalendo, aproximadamente, a um crescimento de 145%. Isso demonstra a consolidação da microgeolinguística que, juntamente com os trabalhos de macrogeolinguística, levam a GB a constituir atualmente uma área de pesquisa amplamente expandida e institucionalizada.

Atualmente, os 76 trabalhos concluídos, cuja maioria se encontra divulgada em repositórios institucionais dos PPGs, encerram sete categorias: projeto de pós-doutoramento (1), teses de doutorado (31), dissertação de mestrado (35), monografias de especialização (6), projeto de pesquisa institucional (1), trabalho de conclusão de curso de graduação (1), projeto de iniciação científica (1).

A Figura 9 mostra a evolução histórica da microgeolinguística com trabalhos concluídos no Brasil entre 1987, que marca a divulgação do primeiro atlas linguístico de pequeno domínio – o *Esboço de um atlas linguístico de Londrina* (Aguilera, 1987) e o período atual. Organizados por quinquênios, pode-se observar um crescimento progressivo e contínuo ao longo de aproximadamente quatro décadas, permitindo identificar diferentes fases de formação, expansão e consolidação.

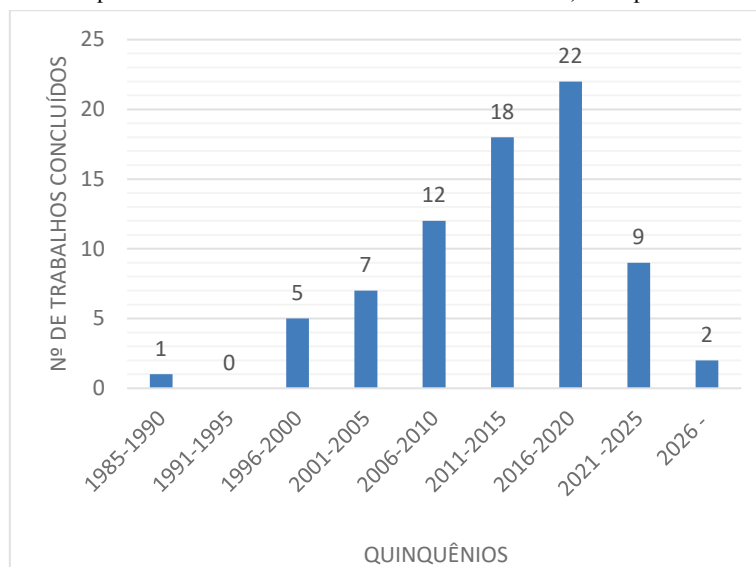


Figura 9: Número de trabalhos de microgeolinguística concluídos e divulgados por quinquênios

Fonte: elaborada pelos autores, a partir de Romano (2013), Romano (2020) e levantamento atualizado

A partir do quinquênio de 1996, observa-se o início de um processo de expansão gradual, que indica a formação de novos grupos de pesquisa e a disseminação da metodologia geolinguística. Esse crescimento coincide com o fortalecimento institucional da GB e a influência do Projeto ALiB, discutida nas seções anteriores, que contribuiu para a formação de pesquisadores e para a consolidação de redes acadêmicas em diferentes IES e definição de diretrizes metodológicas bem orientadas.

De 2006 em diante, há uma mudança significativa de patamar com uma curva de crescimento mais acelerada, alcançando o ápice no quinquênio 2016–2020, o maior quantitativo de toda a série histórica (22 trabalhos), demonstrando que a microgeolinguística atingiu seu momento de maior expansão e produtividade científica, caracterizado pela ampliação territorial das pesquisas, pela diversificação temática dos atlas linguísticos e pela consolidação da área nos PPGs.

Tal expansão acompanha o fortalecimento de abordagens geossociolinguísticas, de estudos de contato linguístico e de pesquisas em comunidades tradicionais (ribeirinhas, quilombolas, indígenas) e investigações em regiões antes pouco contempladas, especialmente na Amazônia Legal, Região Nordeste e Região Centro-Oeste. Assim, o aumento da produção acompanha um processo mais amplo de interiorização da pesquisa científica e de ampliação das perspectivas teóricas e metodológicas da área.

Os dados referentes aos períodos 2021 a 2026 apresentam redução numérica aparente, com nove e dois trabalhos registrados, respectivamente. Essa diminuição deve ser interpretada com cautela, pois os anos pós-pandemia Covid-19 impuseram restrições quanto ao trabalho de campo que a pesquisa geolinguística exige, o que, consequentemente, implicou alterações da produtividade dos trabalhos. Ademais, o quinquênio 2026 ainda está em seu início. Portanto, essa redução em número de trabalho não indica necessariamente retração do interesse de pesquisas na área, haja vista a existência de projetos que estão em andamento, apresentados a seguir (Quadro 1):

Título do trabalho	Autor(es)	Natureza/Universidade
<i>Atlas linguístico-contatual das minorias alemãs da Bacia do Prata (ALMA)</i>	Cléo wilson Altenhofen <i>et al.</i>	Projeto institucional / UFRGS
<i>Atlas Sonoro Linguístico das Línguas Indígenas do Brasil (ALSLiB)</i>	Ana Suely Cabral	Projeto institucional / UNB
<i>Atlas das línguas em contato da fronteira oeste catarinense (ALCf)</i>	Marcelo Jacó Krug / Cristiane Horst	Projeto Institucional / UFFS
<i>Atlas linguístico do português em áreas indígenas (ALiPAI)</i>	Abdelhak Razky <i>et al.</i>	Projeto Institucional / UFPA
<i>Atlas Linguístico do Litoral Pernambucano (ALiPE)</i>	Edmilson Sá	Projeto Institucional CESA/FACHO
<i>Atlas Linguístico do Pampa (ALiPAMPA)</i>	Hélen Cristina da Silva	Projeto Institucional /Unipampa
<i>Atlas Linguístico-Contatual Português Tupi-guarani da Amazônia Oriental</i>	Régis José da Cunha Guedes	Projeto Institucional / UFRA
<i>Atlas Linguístico-Etnográfico do Vale do Acará (ALEVA)</i>	Régis José da Cunha Guedes	Projeto Institucional / UFRA
<i>Atlas Linguístico Tropeiros do Sul</i>	Amanda Chofard	Projeto Institucional / UFBA
<i>Atlas Linguístico do Território Quilombola de Jambuaçu-Moju – PA</i>	Eduarda Catarina Lucena, Valter Pereira Romano	Projeto Institucional / UFSC
<i>Atlas Semântico-lexical quilombola do Maranhão</i>	Thaiane Alves Mendonça	Tese de doutorado / UFBA

<i>Atlas Linguístico da Microrregião de Parintins – AM</i>	Geise Feitas de Oliveira	Tese de doutorado / UFBA
<i>Atlas Linguístico de Picos – PI</i>	Rômulo Silvestre Quaresma Mendes	Tese de doutorado / UFMG
<i>Atlas Linguístico da Microrregião de Teffê - AM</i>	Ilma Kelly dos Santos	Tese de doutorado / UFSC
<i>Estudo geossociolinguístico de unidades lexicais do português falado em comunidades afro-amapaenses</i>	Hélen Costa Coelho	Tese de doutorado / UFPA
<i>Atlas Linguístico do Litoral Paranaense</i>	Ana Heloísa Valente Antão	Tese de doutorado / UEL
<i>Atlas Linguístico do Pontal do Paranapanema</i>	Thália Mafra Diogo dos Santos	Tese de doutorado / UEL
<i>Mapeamento morfossintático do português falado no sul do Amapá.</i>	Amanda Monteserrat Herrera de Souza	Tese de doutorado / UFT
<i>Atlas fonético-fonológico do português falado no norte de Mato Grosso</i>	Josilene Pereira dos Santos	Tese de doutorado / USP
<i>Atlas Semântico-lexical do Vale do Rio Peixoto: um estudo pluridimensional do português falado no norte de Mato Grosso</i>	Jislaine da Luz	Tese de doutorado / USP
<i>Atlas Linguístico de Tocantinópolis – TO</i>	Wellyta Silva	Dissertação de mestrado / UFT
<i>Atlas Linguístico de Dianópolis – TO</i>	Simone Andrea dos Santos Freitas Martins	Dissertação de mestrado / UFT
<i>Atlas Fonético de Alcântara – (AFA) – MA</i>	Anna Carolina Ferreira Sangiorgi	Dissertação de mestrado / UFMA
<i>Atlas semântico-lexical de Viana (ASLeV) – MA</i>	Josefa Andréa Costa e Costa,	Dissertação de mestrado / UFMA
<i>Atlas Linguístico de Área Indígenas do Agreste e Sertão de Pernambuco</i>	Edimilson Sá	Projeto de pós-doutorado / UFRPE

Quadro 1: Trabalho de microgeolinguística em andamento

Fonte: Silva, Martins e Sanches (2024), Romano (2020) e dados da pesquisa

Atualmente, tem-se conhecimento de 25 trabalhos de microgeolinguística em andamento a partir do levantamento e da cartografia sistemática da língua falada em diferentes comunidades e territórios, como indígenas, quilombolas, comunidades em situação de contato com línguas de imigração, de rota histórico-linguísticas, conforme se observa pelo título de cada pesquisa. Essas iniciativas são divididas em dez projetos institucionais, dez projetos teses de doutorado, quatro dissertações de mestrado e um projeto de pós-doutoramento envolvendo diferentes universidades das grandes regiões brasileiras: Sul (UEL, UFRGS, UNIPAMPA, UFSC), Sudeste (UFMG, USP), Centro-Oeste (Unb), Norte (UFPA, UFRA, UFT) e Nordeste (UFBA, UFRPE, UFMA). Isso demonstra a expansão da microlinguística que se soma ao conjunto dos 76 trabalhos já concluídos e divulgados, recobrindo grande parte do território brasileiro, conforme o cartograma apresentado na Figura 10.

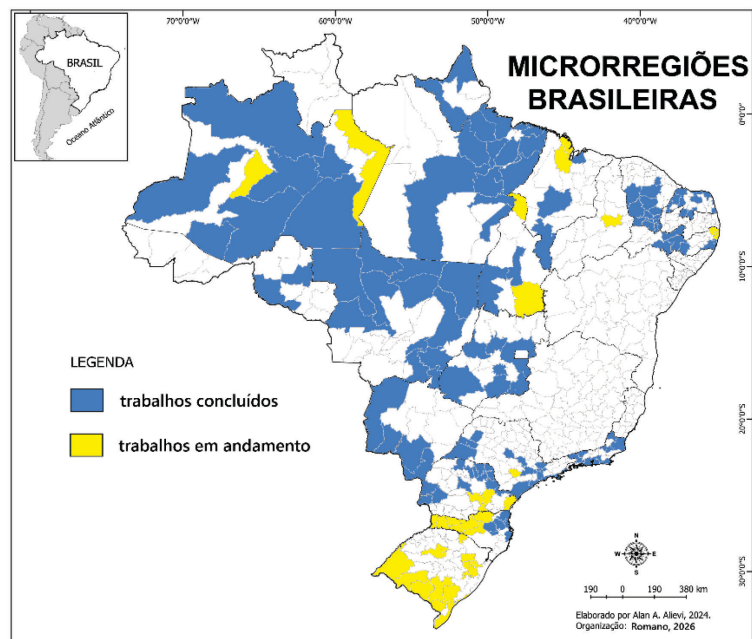


Figura 10: Microrregiões brasileiras representadas na rede de pontos de trabalhos microgeolinguísticos concluídos e em andamento

Fonte: dados da pesquisa

A Figura 10 apresenta uma síntese espacial da expansão da microgeolinguística, a partir das microrregiões que já integram a rede de pontos de pesquisas geolinguísticas concluídas ou em andamento, e revela o processo expressivo de territorialização da GB ao longo das últimas décadas.

O primeiro aspecto que se destaca é a ampla presença de trabalhos concluídos na Amazônia Legal, com extensa cobertura de microrregiões nos estados do Amazonas, Pará, Rondônia, Acre e Tocantins, que, visualmente, recobrem grandes áreas geográficas devido às distâncias que separam as localidades. Esse dado retrata uma importante mudança histórica na GB, uma vez que regiões anteriormente consideradas periféricas no cenário científico nacional passam a ocupar posição central na produção contemporânea de atlas linguísticos. A forte presença amazônica relaciona-se diretamente ao avanço de pesquisas voltadas para comunidades indígenas, populações ribeirinhas e contextos multilíngues.

Também se observa uma densidade de pesquisas concluídas no Nordeste, especialmente em áreas do Maranhão, Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte. Essa distribuição demonstra o fortalecimento de redes regionais de pesquisa. Contudo, o mapa evidencia que todo o grande território baiano, sergipano e alagoano carece de trabalhos de microgeolinguística, e que o Piauí e o Maranhão dão os primeiros passos para contemplar trabalhos de menor envergadura não alcançados pelos atlas estaduais.

Na região Centro-Oeste, constata-se a expansão relevante das pesquisas geolinguísticas em Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Embora a densidade seja menor em comparação ao Norte e Nordeste, observa-se uma crescente incorporação dessas áreas à rede nacional de estudos microgeolinguísticos, sobretudo em regiões de fronteira agrícola, mobilidade populacional e intenso contato dialetal.

Já no Sul do Brasil, registra-se uma dupla dinâmica: ao mesmo tempo em que há significativa concentração de trabalhos concluídos – especialmente no Paraná, por iniciativas da professora Vanderci de Andrade Aguilera, da Universidade Estadual de Londrina, em Santa Catarina e Rio Grande do Sul –, há, também, um elevado número de pesquisas em andamento. Esse quadro indica que a Região permanece como um dos principais polos irradiadores da GB, agora renovado por novas abordagens relacionadas ao contato linguístico, às comunidades bilíngues e às heranças etnoculturais de imigração europeia. A concentração de áreas amarelas no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina indica continuidade e renovação das agendas de pesquisa, em IES como a Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Na região Sudeste, há uma lacuna no estado de São Paulo, parcialmente coberto e, principalmente, em Minas Gerais, que segundo Romano e Seabra (2017) e Romano e Brissos (2025a), é um estado-chave para pesquisas geolinguísticas brasileiras. Em Minas Gerais e no Espírito Santo, não há um trabalho sequer de microgeolinguística, assim como na Bahia, o que representa um desafio a ser encarado pelos pesquisadores atuais.

Essas lacunas espaciais revelam que, embora a GB tenha alcançado ampla expansão territorial, ainda existem regiões linguisticamente estratégicas que podem tornar-se objeto de futuras investigações. As microrregiões em amarelo frequentemente aparecem próximas a regiões já contempladas por trabalhos concluídos, sugerindo um efeito de difusão científica e de expansão em rede. Isso indica que a microgeolinguística brasileira não cresce de forma isolada, mas por continuidade territorial e metodologicamente integrada, articulando grupos de pesquisa, PPGs e cooperações interinstitucionais.

5.1 AS TRÊS FASES DA MICROGEOLINGÜÍSTICA BRASILEIRA

A partir dos trabalhos apresentados, correlacionando-os ao desenvolvimento da macrogeolinguística, pode-se sistematizar a microgeolinguística em três fases: fase 1 (pioneira), fase 2 (expansão e consolidação) e fase 3 (diversificação e maturidade). As fases 2 e 3 enquadram-se no segundo e terceiro momentos da GB, conforme esquema apresentado na Figura 11.

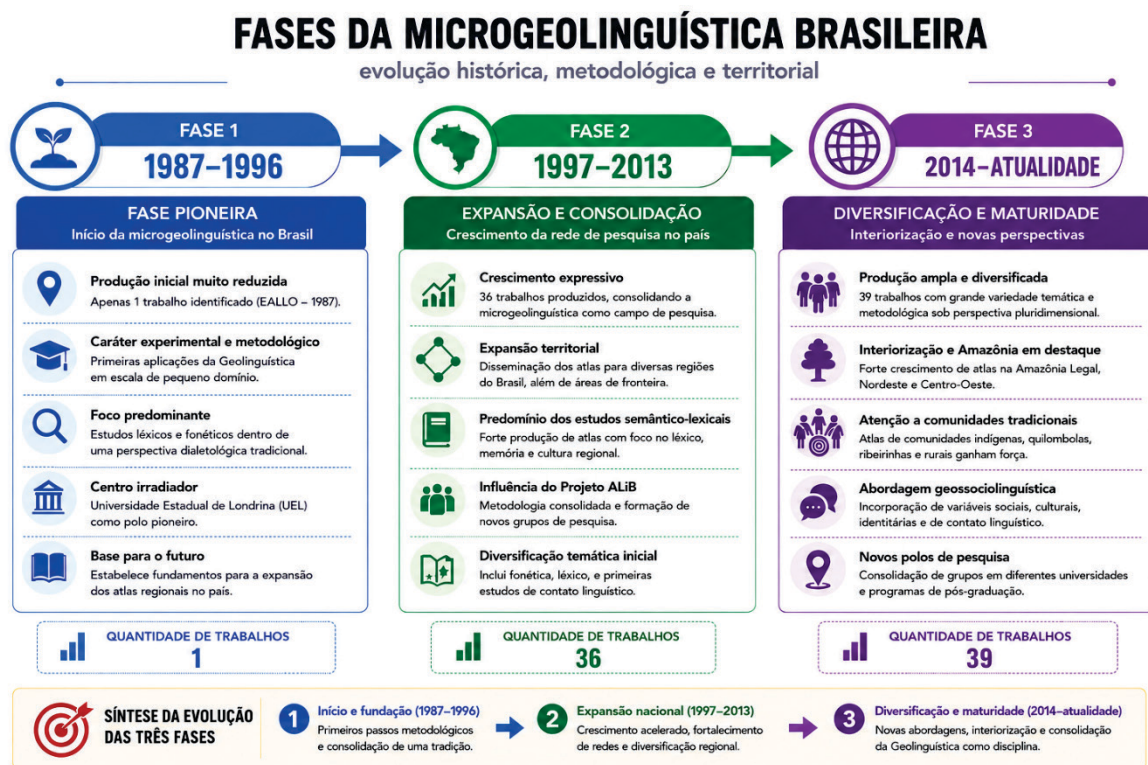


Figura 11: Esquema das fases da microgeolinguística brasileira

Fonte: elaborado com IA, a partir de Romano (2013, 2020)

A evolução quantitativa dos trabalhos microgeolinguísticos (pequeno domínio/local, fronteiro/contatual e rota histórico-linguística) dialoga diretamente com o esquema das fases da microgeolinguística brasileira, no qual a primeira fase (1987-1996) é caracterizada como pioneira, com apenas um trabalho identificado – o *Esboço de um atlas Linguístico de Londrina* - EALLO (1987), desenvolvido como dissertação de mestrado por Vanderli de Andrade Aguilera, na Universidade Estadual Paulista – Assis/SP. O EALLO torna-se o ponto de partida da microgeolinguística e tem um caráter experimental e metodológico inicial ainda fortemente

vinculado à tradição dialetológica clássica e aos estudos léxico-fonéticos, pertencentes ao primeiro momento da GB. Portanto, estava-se no período de formação e desenvolvimento de uma mentalidade dialetológica brasileira.

A segunda fase (1997–2013), definida no esquema como de “expansão e consolidação”, corresponde ao primeiro crescimento consistente da curva estatística (Figura 8). Isso indica que a microgeolinguística brasileira passou a estruturar-se como campo de investigação contínuo, ampliando seu alcance territorial e diversificando seus objetos de análise. O esquema interpretativo (Figura 11) destaca que essa fase foi marcada pela influência metodológica do Projeto ALiB, inaugurada pelo segundo momento da GB, pela expansão regional dos atlas linguísticos e pelo predomínio dos estudos semântico-lexicais. Os dados quantitativos corroboram essa leitura, pois comprovam a consolidação de uma rede de pesquisadores distribuída por diferentes regiões do país.

Já a terceira fase (2014 – atualidade) representa o momento de maior maturidade da microgeolinguística brasileira, atingindo o ápice da produtividade, embora haja uma queda no número de trabalhos nos últimos anos devido a circunstâncias que limitaram trabalho de campo (pandemia Covid-19). A Figura 8 demonstra que o número total acumulado de pesquisas continua crescendo, alcançando 76 trabalhos em 2026, e o Quadro 1 indica o total de 25 pesquisas em andamento, aproximando-se de uma centena no acumulado de 13 anos de desenvolvimento da área.

O esquema das fases (Figura 11), correlacionado à cronologia da macrolinguística brasileira (Figura 7), caracteriza a terceiro momento pela diversificação temática e metodológica da GB. Observa-se maior presença de estudos geossociolinguísticos, investigações sobre comunidades tradicionais, pesquisas em áreas amazônicas e de fronteira, além da ampliação de abordagens relacionadas ao contato linguístico e às identidades culturais e uso de novas tecnologias no tratamento e na implementação de banco de dados.

6 DOS MOMENTOS ÀS FASES: UMA ÁREA COM MATURIDADE CIENTÍFICA

O desenvolvimento da GB ocorreu por meio de ciclos de consolidação científica, tendo o Projeto ALiB como eixo organizador da historiografia da área. Embora diversos atlas tenham sido produzidos anteriormente, a linha do tempo demonstra que o ALiB atua como elemento de transição entre uma Geolinguística regional clássica (primeiro momento) e uma Geolinguística nacional, integrada e pluridimensional (segundo e terceiro momentos) (Figura 7).

Além disso, a periodização proposta revela uma mudança progressiva de escala na pesquisa geolinguística brasileira. O primeiro momento é marcado por atlas estaduais e iniciativas regionalizadas; o segundo amplia a articulação entre projetos e consolida uma rede nacional de pesquisa; já o terceiro indica uma descentralização produtiva, caracterizada pela multiplicação de trabalhos de microgeolinguística paralelamente ao desenvolvimento da macrogeolinguística (atlas estaduais, regionais e nacional).

Outro elemento importante refere-se ao aprimoramento metodológico implícito na organização temporal. Os atlas mais antigos representam uma tradição dialetológica baseada, sobretudo, na descrição espacial dos fenômenos linguísticos. Os atlas posteriores ao início do Projeto ALiB refletem a incorporação de variáveis sociais, novos instrumentos tecnológicos, bancos de dados digitais e sistemas informatizados de cartografia linguística. Assim, a linha do tempo, além de representar a sucessão cronológica de publicações, marca a evolução epistemológica da GB.

A leitura integrada de dados quantitativos e de esquemas interpretativos apresentados neste trabalho mostra que a microgeolinguística brasileira evoluiu em três movimentos complementares: inicialmente, como experiência metodológica restrita; posteriormente, como campo em expansão institucional e territorial; e, mais recentemente, como área consolidada, diversificada e cientificamente madura. Portanto, os dados quantitativos funcionam como sustentação empírica para a periodização proposta nos diagramas, confirmando que a trajetória da micro e da macrogeolinguística acompanham o próprio processo de interiorização da pesquisa GB contemporânea. Ambas atravessam uma fase de plena maturidade científica como um campo que apresenta expansão quantitativa, diversificação metodológica, ampliação territorial e crescente compromisso com a representação da diversidade linguística e cultural brasileira.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As sementes plantadas pelos eminentes dialetólogos na década 1950, Serafim da Silva Neto e Antenor Nascentes, propiciaram o desenvolvimento de uma mentalidade dialetológica que culminou em movimentos progressivos e contínuos da GB. Com mais de 60 anos de existência no Brasil, a Geolinguística hoje se firma como área profícua, madura e produtiva, a partir da renovação de gerações comprometidas em modernizar o antigo método de representação das línguas no espaço e difundir a Geolinguística moderna e atualizada.

Este texto, a partir da periodização das micro e macrogeolinguística no país, atualiza informações sobre a GB do ponto de vista interpretativo, a fim de situar o leitor sobre o estado da arte e da situação do conjunto de trabalhos desenvolvidos até o momento. A periodização apresentada reflete um estágio de maturidade científica caracterizado pela diversificação temática, pela integração tecnológica e pela ampliação dos domínios investigados. O olhar interpretativo e crítico para a área permite propor, atualmente, formulações teórico-metodológicas para a compreensão de uma GB de forma ampla.

Em síntese, a distinção, aqui apresentada, entre macrogeolinguística e microgeolinguística não deve ser compreendida em termos de complementaridade analítica. Enquanto a macrogeolinguística se dedica à descrição e à interpretação de padrões linguísticos em grandes extensões territoriais – nacionais, regionais ou estaduais –, produzindo generalizações sobre a organização dialetal de amplos espaços geográficos; a microgeolinguística concentra-se em recortes mais específicos, como localidades, áreas de fronteira, rotas histórico-linguísticas e zonas de contato, buscando compreender os fatores que condicionam a distribuição das variantes.

Assim, a macrogeolinguística permite identificar tendências gerais e configurações dialetais de larga escala, ao passo que a microgeolinguística atua como uma espécie de lente de aproximação, aprofundando a análise dos fenômenos e elucidando processos históricos, sociais e espaciais que, nos atlas de grande domínio, tendem a aparecer apenas de forma generalizada. Dessa forma, ambas as abordagens se articulam de maneira indissociável, contribuindo conjuntamente para uma compreensão mais ampla e aprofundada da diversidade linguística no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ABAUURRE, M. L.; PONTARA, M.; ABAUURRE, M. B. M.. *Português: Contexto, Interlocução e Sentido*. São Paulo: Moderna, 2020.
- AGUILERA, V. A. (org.). *A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: EDUEL, 1998.
- AGUILERA, V. A. *Aspectos Linguísticos da fala londrinense: Esboço de um atlas linguístico de Londrina*. 2 v. 1987. 227f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Assis, 1987.
- AGUILERA, V. A. *Atlas lingüístico do Paraná – ALPR*. Curitiba: Imprensa Oficial, 1994.
- AGUILERA, V. A. (org.). *A geolinguística no Brasil: trilhas seguídas, caminhos a percorrer*. Londrina: EDUEL, 2005.
- AGUILERA, V. A. Geolinguística no Brasil: Estágio atual. *Revista da ABRALIN*, v. 5, n. 1-2, p. 215-238, dez. 2006. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/947>. Acesso em: 25 maio 2026.
- AGUILERA, V. A.; ROMANO, V. P. (org.). *A geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados*. Londrina: EDUEL, 2016.

ALENCAR, B. A. *O léxico de brinquedos e brincadeiras infantis no estado de São Paulo*. 2018. 614f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2018. Disponível em: https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/tese_beatriz_alencar.pdf. Acesso em: 23 set. 2026.

ALTENHOFEN, C. V.; KLASSMANN, M. S. (org.). *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil: cartas semântico-lexicais*. Porto Alegre: Editora UFRGS; Florianópolis: Editora UFSC, 2011.

ALTINO, F. C. *Atlas Linguístico do Paraná II*. 2007. 693f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007. Disponível em: <https://repositorio.uel.br/items/a7509336-5b59-409e-95d8-bef5f6dd1fab>. Acesso em: 24 set. 2026.

ARAGÃO, M. S. S.; MENEZES, C. B. *Atlas lingüístico da Paraíba – ALPB*. Brasília: Universidade Federal da Paraíba/CNPq, 1984. v. 2.

AUGUSTO, V. L. S. *Atlas semântico-lexical do estado de Goiás*. 2012. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-09012013-114759/pt-br.html>. Acesso em: 24 set. 2026.

BARBOSA-DOIRON, M. P. *A motivação semântica nas respostas dos informantes do Atlas Linguístico do Estado de Alagoas*. 2017. 485f. 2 v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017. Disponível em: <https://repositorio.uel.br/items/f81ebd8b-6f46-4f3e-b650-2a589533e7e8/full>. Acesso em: 23 set. 2026.

BESSA, J. R. F. *Atlas Linguístico do Ceará*. Fortaleza: UFC, 2010.

BRANDÃO, S. F. *A geografia linguística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.

BRASIL. *Decreto nº 30.643, de 20 de março de 1952*. Institui o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa e dispõe sobre o seu funcionamento. Diário Oficial da União: seção 1, Rio de Janeiro, RJ, 22 mar. 1952, p. 4665. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-30643-20-marco-1952-339719-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 24 set. 2026.

CÂMARA, A. P. *Atlas Semântico-Lexical de Balneário Barra do Sul – Santa Catarina*. 2023. 299 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

CARDOSO, S. A. M. *Atlas Linguístico de Sergipe II*. Salvador: EDUFBA, 2005.

CARDOSO, S. A. M. Dialetoлогия e ensino-aprendizagem de língua materna. In: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. (org.). *Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 97-104.

CARDOSO, S. A. M. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARDOSO, S. A. M. Reflexões sobre a dialetoлогия. In: ISQUERDO, A. N. (org.). *Estudos geolinguísticos e dialetais sobre o português: Brasil-Portugal*. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2008. p. 15-31.

CARDOSO, S. A. M. S.; MOTA, J. A.; AGUILERA, V. A.; ARAGÃO, M. S. S.; ISQUERDO, A. N.; RAZKY, A.; MARGOTTI, F. W.; ALTINO, F. C. (org.). *Atlas Linguístico do Brasil – v. 1*. Londrina: EDUEL, 2014a.

CARDOSO, S. A. M. S.; MOTA, J. A.; AGUILERA, V. A.; ARAGÃO, M. S. S.; ISQUERDO, A. N.; RAZKY, A.; MARGOTTI, F. W.; ALTINO, F. C. (org.). *Atlas Linguístico do Brasil* – v. 2: Cartas linguísticas. Londrina: EDUEL, 2014b.

CARLOS, V. G. *O português de cá e de lá: variedades em contato na fronteira entre Brasil e Paraguai*. 2014. 292f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014. Disponível em: <https://repositorio.uel.br/items/1e73b763-21aa-4716-b9e1-8e2f19d00875>. Acesso em: 27 set. 2026.

COELHO, G. J. *Pelos rios da variação: estudos dialetais para educação linguística na Amazônia*. 2025. 3 v. 435f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/265442>. Acesso em: 27 set. 2026.

CRUZ, M. L. C. *Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM*. 2004. 2v. 159f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

ESPÍNDOLA, K. *O falar sulista de Nascentes (1953) e o Projeto ALiB: aspectos fonéticos e morfossintáticos*. 2025. 2 v. 244f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/271869>. Acesso em: 23 set. 2026.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. A. M. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, C. et al. *Atlas Lingüístico de Sergipe*. Salvador: Universidade Federal da Bahia/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

ISQUERDO, A. N. (org.). *Estudos geolinguísticos e dialetais sobre o português: Brasil-Portugal*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2008.

KARLBERG, M. L. G. L. *Atlas Linguístico-etnográfico do Acre: fronteiras léxicas*. Rio Branco: Edufac, 2018.

KOCH, W.; KLASSMANN, M. S.; ALTENHOFEN, C. V. *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2002.

LIMA, A. F. de; Abdelhak, R.; OLIVEIRA, M. B. (Orgs.). *Estudos Geossociolinguísticos* - vol. 3. 1. ed. Campinas: Pontes, 2021.

MARTINELLI, M. *Mapas da Geografia e Cartografia Temática*. São Paulo: Contexto, 2003.

MENDONÇA, L. A. L. *Contribuições do Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais para o ensino de língua portuguesa: propostas didáticas*. 2021. 80f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Estudos da Linguagem, Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufla.br/items/59f2cbac-939d-4952-991b-efcb733323f1>. Acesso em: 27 set. 2026.

MOTA, J. A.; RIBEIRO, S. S. C.; OLIVEIRA, J. M. (Orgs.). *Atlas Linguístico do Brasil: comentários às cartas linguísticas 1*, vol. 3. Londrina: Eduel, 2023

NASCENTES, A. *Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC; Casa de Rui Barbosa, 1958.

NASCENTES, A. *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC; Casa de Rui Barbosa, v. 2, 1961.

OLIVEIRA, D. P. *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: UFMS, 2007.

- RAZKY, A. Atlas geo-sociolinguístico do Pará: abordagem metodológica. In: AGUILERA, V. A. (org.). *A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: EDUEL, 1998. p. 155-164.
- RAZKY, A. (org.). *Atlas linguístico sonoro do estado do Pará (ALiSPA 1.1)*. Belém: PA/CAPES/UTM, 2004. CD-ROM.
- RAZKY, A.; LIMA, A. F.; OLIVEIRA, M. B. Atlas linguísticos: contribuição para o ensino básico. In: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. (org.). *Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 109-126.
- RAZKY, A.; OLIVEIRA, M. B.; LIMA, A. F. (org.). *Estudos geossociolinguísticos do português brasileiro*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.
- RAZKY, A.; RIBEIRO, C. M. R.; SANCHES, R. D. *Atlas Linguístico do Amapá*. São Paulo: Labrador, 2017.
- RIBEIRO, C. M. R.; SANCHES, R. D. *Atlas Linguístico do Amapá*. v. 2. Ananindeua: Editora Cabana, 2026.
- RIBEIRO, J.; ZÁGARI, M. R. L.; PASSINI, J.; GAIO, A. P. *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais – EALMG*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977. v. 1.
- RIBEIRO, S. S. C. *Brinquedos e brincadeiras infantis na área do falar baiano*. 2012. 752f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. Disponível em: https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/tese_ribeiro_2012_0.pdf. Acesso em: 23 set. 2026.
- ROBINSON, A. H.; MORRISON, J. L.; MUEHRCKE, P. C.; KIMERLING, A. J.; GUPTILL, S. C. *Elements of cartography*. 6. ed. New York: John Wiley & Sons, 1995.
- ROMANO, V. P. Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão. *Entretextos*, Londrina, v. 13, n. 2, p. 203-242, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/16388>. Acesso em: 22 set. 2026.
- ROMANO, V. P. Desdobramentos, desafios e perspectivas da Geolinguística Pluridimensional no Brasil. In: MOTA, J. A.; OLIVEIRA, J. M.; PAIM, M. M. T.; RIBEIRO, S. S. C. (org.). *Contribuições de estudos geolinguísticos para o Português Brasileiro: uma homenagem a Suzana Cardoso*. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 11-39.
- ROMANO, V. P. *Em busca de fálares a partir de áreas lexicais no Centro-Sul do Brasil*. 2015. 2 v. 296f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015. Disponível em: <https://repositorio.uel.br/srv-c0003-s01/api/core/bitstreams/a34115f3-ab68-428f-b317-ead6bb2d0e37/content>. Acesso em: 22 set. 2026.
- ROMANO, V. P. Percurso historiográfico e metodológico da Geolinguística. *Papéis: Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens*, Campo Grande, v. 18, p. 135-153, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/papeis/article/view/3017>. Acesso em: 26 set. 2026.
- ROMANO, V. P.; AGUILERA, V. de A. Padrões de variação lexical na região Sul a partir dos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 575-587, jan./abr. 2014. Disponível em: <<https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/460>>; Acesso: 12 de mai. 2026.
- ROMANO, V. P.; ALTINO, F. C.; AGUILERA, V. A. (org.). *A Geolinguística no Brasil: contatos, interfaces e entremeios*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025.

- ROMANO, V. P.; BRISSOS, F. A dialetometria no Brasil. In: ROMANO, V. P.; ALTINO, F. C.; AGUILERA, V. A. (org.). *A Geolinguística no Brasil: contatos, interfaces e entremeios*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025a. p. 95-119.
- ROMANO, V. P.; BRISSOS, F. Análise dialetométrica das cartas lexicais do EALMG: uma contribuição para a descrição dos falares mineiros. *Revista Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 33, n. 4, p. 198-226, 2025b. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/relin/article/view/57115>. Acesso em: 22 set. 2026.
- ROMANO, V. P.; SEABRA, R. D. Do presente para o passado: a variação lexical em Minas Gerais a partir de corpora geolinguísticos sobre brinquedos infantis. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p. 111-150, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/relin/article/view/28286>. Acesso em: 24 set. 2026.
- ROMANO, V. P.; SEABRA, R. D.; OLIVEIRA, N. [SGVCLin] – Software para geração e visualização de cartas linguísticas. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 22, n. 1, p. 119-151, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/relin/article/view/28587>. Acesso em: 20 set. 2026.
- SÁ, E. J. *Atlas Linguístico de Pernambuco*. São Paulo: Editora Ixtlan, 2016.
- SANTOS, L. A. *Brincando pelos caminhos do falar fluminense*. 2016. 200f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. Disponível em: <https://alib.ufba.br/brincando-pelos-caminhos-do-falar-fluminense>. Acesso em: 24 set. 2026.
- SILVA, A. V. *Palavra, diversão e diversidade: o ALiB na escola*. Salvador: EDUFBA, 2025.
- SILVA, G. A. *Atlas Linguístico Topoestático e Topodinâmico do Tocantins*. 2018. 2 v. 297f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018. Disponível em: <https://repositorio.uel.br/items/c9e0a42b-a51a-4806-940f-f36ced31804e>. Acesso em: 23 set. 2026.
- SILVA, G. A. Da; MARTINS, L. R. SANCHES, R. D. Estudos geolinguísticos na Amazônia Legal: desafios e contribuições. *Domínios da Linguagem*, Uberlândia, v.18, p. 3-31, 2024
- SILVA, G. A.; ROMANO, V. P. (org.). *Tendências da Geolinguística brasileira e a nova geração de atlas linguísticos*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.
- SILVA, G. A.; ROMANO, V. P. Tipologia dos Atlas Linguísticos: proposta de (re)categorização para o contexto brasileiro. *Alfa: Revista de Linguística*, São José do Rio Preto, v. 69, p. 1-30, 2025. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/19417>. Acesso em: 23 set. 2026.
- SILVA, H. C. *Pelas veredas do /r/ retroflexo*. 2016. 189f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016. Disponível em: <https://repositorio.uel.br/items/e9268cad-c2b9-4b87-8555-84d822105f2c>. Acesso em: 23 set. 2026.
- SILVA NETO, S. *Guia para estudos dialectológicos*. Belém: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.
- TELES, A. R. T. F.; RIBEIRO, S. S. C. Apresentando a cartografia aos linguistas: o Projeto ALiB. In: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. (Orgs.). *Documentos 2. Projeto Atlas Lingüístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006, p. 207-226.

TELES, A. R. T. F.; RIBEIRO, S. S. C. A cartografia dos dados. In: CARDOSO *et al.*. (Org.). *Atlas Linguístico do Brasil* - Volume 1 - Introdução. 1ed. Londrina: EDUEL, 2014, v. 1, p. 113-123.

THUN, H. La geolingüística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTICS AND PHILOLOGY, 21., 1995, Palermo. *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*. Tübingen: Niemeyer, 1998. v. 5. p. 701-729.

VIEIRA, H. G. Fundamentos para organizar, implementar e manter um banco de dados geolinguísticos. In.: AGUILERA, V. de A. *A Geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: EDUEL, 1998. p. 207-224.

VIEIRA, H. Importância do atlas lingüístico para o ensino-aprendizagem da escrita na escola. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 28, p. 263-268, 1999.

YIDA, V. *Normas lexicais no português brasileiro: uma descrição de regionalismos nos dados do campo semântico da alimentação e cozinha do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)*. 2019. 400f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019. Disponível em: <https://repositorio.uel.br/items/66e4c202-f910-4391-b850-0bbcccebcea32>. Acesso em: 23 set. 2026.



Recebido em 16/06/2026. Aceito em 26/06/2026.

Publicado em 15/10/2026.